

As mulheres e as letras: a escrita feminina nos jornais amazonenses nas primeiras décadas do século XX

Women and letters: Female writing in Amazonian newspapers in the first decades of the twentieth century

Luciane Maria Dantas de Campos¹

Resumo: O modismo ao qual foi entregue o periodismo no Amazonas nas primeiras décadas do século XX atingiu as mulheres na medida em que elas também ganharam espaço na imprensa amazonense. Como colaboradoras ou como produtoras de jornais e revistas, essas mulheres deixaram registradas suas impressões, pensamentos e repúdios diante de uma sociedade que se transformava dia a dia.

Palavras-chave: Mulheres; Escrita feminina; Imprensa.

Abstract: The fad to which periodism was delivered in the Amazon in the first decades of the twentieth century reached women as they also gained space in the Amazonian press. As contributors or as producers of newspapers and magazines, these women have recorded their impressions, thoughts, and repudiation in the face of a changing society.

Keywords: Women; Female writing; Press.

Introdução

No alargar dos seus espaços de atuação profissional, a mulher brasileira buscou, a partir do século XIX, a sua inserção em campos “delimitados como masculinos”, não sem antes transpor barreiras e enfrentar preconceitos e resistências. Entre esses campos, o “campo das letras” representado pela literatura e principalmente pela imprensa, apresentava-se como reduto “naturalmente” masculino, mas as mulheres foram paulatinamente conquistando seu espaço.

Na verdade, há uma intrínseca relação entre literatura e imprensa quando se trata dos escritos femininos. A incursão da mulher na imprensa impulsionou o surgimento de muitas escritoras. Muitas delas ensaiaram seus primeiros passos na “carreira das letras” através da sua entrada na arena jornalística, fosse como colaboradoras ou como produtoras de jornais femininos ou não². Portanto, se por um lado o trabalho de escrever

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Amazonas UFAM.

² Como exemplo, podemos citar: Nísia Floresta Brasileira Augusta (1823-1885); Júlia Lopes de Almeida

em jornais representou para algumas mulheres a oportunidade de ter essa relação estreita com o mundo das letras, de dar vazão aos seus escritos, seus pensamentos e suas lutas, por outro, possibilitou galgar um importante espaço de visibilidade social na esfera pública.

No entanto, a conquista de território foi longa e difícil para as mulheres no Brasil oitocentista (TELLES, 2002, p.409), e, embora tenha sido umas das primeiras conquistas femininas, foi também uma das que provocou maior resistência no mundo masculino (PERROT,1998, p.10). No âmbito do privado, do oculto, onde, aliás, as mulheres sempre escreveram³, a escrita lhes era permitida; Ela passou a ser contestada, vigiada e condenada a partir do momento em que as mulheres começaram a desnudar os seus pensamentos na esfera pública, fosse atuando na imprensa, fosse escrevendo e publicando livros⁴.

A presença feminina na imprensa

Os primeiros jornais dedicados às mulheres surgiram no Brasil a partir do século XIX sendo inicialmente dirigidos por homens como *O Espelho diamantino*, do Rio de

(1862-1934); Narcisa Amália de Campos (1852-1924); Josefina Álvares de Azevedo; Prisciliana Duarte de Almeida; Patrícia Galvão (1910-1962) e Clarice Lispector (1925-1977).

³ As mulheres, desde que se livraram da “tirania do alfabeto” aprendendo-o e deslindando-o, buscaram ter uma relação estreita com o mundo da escrita. Escreveram bastante, trancadas em suas alcovas, os seus segredos e pensamentos que refletiam seu estado de alma, seus sonhos e receios em seus cadernos- goiabadas como Lygia Fagundes Telles denomina os diários e cadernos escritos por elas. Cadernos que, para a autora representam o marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na carreira das letras. Posteriormente esses escritos evoluíram para os jornais e livros. In: TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto 2002, p 409.

⁴ O primeiro romance brasileiro “*Úrsula*” de autoria da professora maranhense Maria Firmina dos Reis foi publicado em 1859. “Úrsula, narra um romance de amor entre uma jovem, Úrsula, e um bacharel de direito, entrelaçando-o com a narrativa da vida de escravos, que guardam a lembrança da África. Na novela, a heroína é perseguida pelo vilão, no caso o tio materno, senhor de terras e escravos. Ela anseia pela viagem que a levaria para longe, para o mundo, a ponto de invejar um ex-escravo que, liberto, teria mais mobilidade do que ela. Úrsula e seu amado tentam fugir, mas são capturados. O bacharel morre, a jovem enlouquece e amaldiçoa o vilão. A maldição surte efeito e ele acaba morrendo”. Apud: TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto 2002, p 413.

Janeiro, em 1827; *O Espelho das Brasileiras*, Recife, 1831; e *A Fluminense Exaltada*, 1832. O primeiro jornal verdadeiramente feminino produzido por mulheres foi o *Jornal das Senhoras* que circulou no Rio de Janeiro em 1852. O jornal que tinha o subtítulo “Modas, literatura, belas artes e crítica” fora editado por Joana Paulo Manso de Noronha e objetivava “trabalhar para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher”⁵. Muitos outros surgiram a posteriori, inclusive alguns dotados com ideais feministas. Em 1862 surgiu o *Bello Sexo*, redigido por Julia de Albuquerque Sandy Aguiar; em 1873, *O Sexo feminino*, de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, em Minas Gerais⁶. No ano seguinte surgiram *O Domingo*, de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar Vellasco e o *Jornal das Damas*, do Rio de Janeiro. Em 1875 no Recife surgiu o *Myosotis*, de Maria Heraclita e em 1879 *O Echo das Damas* de Amélia Carolina da Silva Couto⁷. Após esse período continua intensa a publicação de mais jornais femininos/feministas por todo o país.

O momento inicial da imprensa feminina, no século XIX, segundo Buitoni, pode ser dividido em dois grupos: o *tradicional*, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades femininas, e o *progressista*, focado na emancipação e na igualdade de direitos entre homens e mulheres. O primeiro grupo é formado pelos jornais produzidos por homens a partir de 1827 quando o primeiro deles, *Espelho Diamantino*, surgiu. O segundo grupo é formado a partir da publicação do *Jornal das Senhoras*, em 1852, quando as próprias mulheres assumiram a redação dos jornais e passaram a escrever sobre aquilo que a elas era pertinente (BUITONI, 1981, p.28).

⁵ Segundo informações de June Hahner, Joana Manso de Noronha era “argentina, separada de seu marido, viveu no Rio de Janeiro, onde lecionou, colaborou para jornais e publicou vários trabalhos literários”. Pelo jeito, uma mulher a frente do seu tempo. Apud: HAHNER, June. *A Mulher Brasileira e as Suas Lutas Sociais e Políticas*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p 35.

⁶ O *Sexo Feminino* foi um importante agente da luta emancipacionista feminina por educação, instrução, profissionalização e voto. Foi publicado inicialmente na cidade de Campanha, Minas Gerais onde era bem sucedido tendo uma tiragem média de 800 exemplares, mas, em 1875 sua editora o transferiu para o Rio de Janeiro onde circulou por apenas um ano. Reaparece em 1887 ainda sobre a direção de Francisca Senhorinha e circula por mais dois anos. Sobre este jornal ver: NASCIMENTO, Cecília e OLIVEIRA, Bernardo. O sexo feminino em Campanha pela emancipação da mulher. *Cadernos Pagu* (29), julho-dezembro de 2007:429-457.

⁷ Uma análise destes jornais encontram-se em HAHNER, June. O Início da Imprensa Feminina. In: *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas*. Op. cit.

No decorrer do século XX as iniciativas de publicação de jornais e revistas femininos – efêmeros ou duradouros – aumentaram consideravelmente em todo o país. Alguns faziam a linha mais conservadora, dialogando com a suas leitoras sobre suas funções de mães, esposas e donas de casa, ratificando com isso a mentalidade positivista e eugênica acerca dos papéis “naturais da mulher”. Outros, tornaram-se o elo de ligação das mulheres com as causas do movimento feminista na medida que procurava conscientiza-las para a luta por seus direitos. Nesse contexto, os jornais feministas desempenharam um importante papel no estímulo e na disseminação de uma nova visão entre as mulheres (HAHNER, 1981, p.51). As primeiras manifestações expressas nos jornais femininos desta linha foi a defesa pelo direito à educação, sendo seguida pelo direito à independência financeira e por conseguinte o voto.

Como exemplo dessas publicações temos a “Revista Feminina”, surgida em 1914 em São Paulo. Conforme Buitoni, esta revista é considerada um marco na imprensa especializada para mulher. Era de periodicidade mensal, com tiragem de 30.000 exemplares e distribuída nacionalmente. Continha cerca de 30 páginas, ricamente ilustradas dentro dos padrões da época e era dividida em seções tradicionalmente femininas, mas se diferenciava das demais por conter certo idealismo na defesa dos direitos das mulheres (1981, p.30).

Figuras da imprensa amazonense

No Amazonas, a presença da mulher na imprensa, seja como produtora ou colaboradora, foi praticamente inexistente ao longo do século XIX ampliando-se apenas a partir do início do XX. Segundo Pinheiro, os indícios limitados sobre a idealização e produção de jornais por parte das mulheres nos leva a defender a idéia de que no Amazonas a imprensa feminina apenas se esboçou (2001, p.236-7). Dos jornais produzidos pelas mulheres nenhum deles definia-se diretamente como feminista possuindo um discurso fortemente acanhado.

Data somente de 1884 a primeira experiência feminina na produção de jornais em

Manaus. O jornal *Abolicionista do Amazonas*⁸, de caráter filantrópico, era de propriedade do *Club Emancipador* e de uma *Associação Beneficente*, entidades que lutavam pela emancipação dos escravos negros da província num momento em que o país inteiro debatia sobre este assunto. A confecção do jornal era toda realizada por “mulheres da mais alta sociedade manauara” representantes da *Associação Beneficente Amazonenses Libertadora*⁹. Composto por quatro páginas, servia como veículo de informação entre os simpatizantes da causa da abolição negra. Pelas páginas deste jornal eram discutidas medidas para dinamizar o movimento, eram feitas denúncias sobre prisões e maus tratos aos negros, informavam as vitórias da causa frente ao governo imperial e mais do que isso, ovacionavam aqueles que atendiam aos apelos da associação e libertavam seus escravos. Comentando a realização de uma conferência popular promovida pela *Loja Maçônica Amazonas* no intuito de doutrinar e interessar o povo sobre o movimento abolicionista, escreveu o jornal:

Diversas girândolas de foguetes soltas na praça anunciaram a reunião do povo. Ocupou a Tribuna o nosso distinto amigo Sr. João Lopes Ferreira Filho, que no discurso (...) fez conhecer os invejáveis dotes intellectuaes de que dispõe; sendo por vezes alvo de repetidos applausos. Antes de terminar a conferencia, leu uma **carta de liberdade concedida sem ônus algum, pelo exm. sr. commendador Francisco Joaquim d'Amorim a sua escrava Praxedes**, em homenagem a sociedade de amazonenses libertadoras.

Está além de todo o elogio o procedimento nobre e generoso do exm. sr. commendador Francisco Joaquim d'Amorim, e ainda mais é para nós notável por ter partido de um estrangeiro. **Oxalá, o seu procedimento sirva de estímulo aos indiferentes e a sorte dos escravos.** Ao terminar a leitura da referida carta, o povo prorompeu em calorosos applausos, tocando por essa ocasião a banda

⁸ Embora as informações do catálogo “*Cem anos de Imprensa no Amazonas*”, informe sobre a existência de uma coleção composta de onze exemplares do “*Abolicionista do Amazonas*” nossa pesquisa só localizou um único exemplar, o de número 1, de 4 de maio de 1884, que está incompleto, no acervo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA). Fato que nos impossibilita uma análise mais completa sobre o referido jornal e sobre suas redatoras. FREIRE, José Ribamar B. (Org.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. 2ª Ed. Manaus, 1990, p. 25.

⁹ A diretoria da Associação era assim composta: D. Elisa de Faria Souto (presidente); D. Olympia Fonseca (vice-presidente); D. Philomena Amorim (1. Secretária); D. Izabel Bittencourt (2. Secretária); D. Clotilde Albuquerque (Thesoureira); D. Tertulina Moreira, Albina Sarmiento, Guilhermina Faria de Souza, Maria Bessa Teixeira, Maria de Souza Lopes Ferreira, Carolina Braga, Adelina Fleury, Jovina Cabral, Carlota Baird, Evarista Moraes e Celina Hosannah (Diretoras). O Jornal também faz menção a uma outra sociedade libertadora denominada de 1º de Janeiro pertencente à Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios. *O Abolicionista do Amazonas*. Nº 01. Manaus, 04 de maio de 1884.

de musica do “Instituto Amazonense” o Hymno Nacional.¹⁰

IMAGEM 1:

O JORNAL *O ABOLICIONISTA DO AMAZONAS* = 1884



Fonte: Abolicionista do Amazonas, nº 01. Manaus, 04 de maio de 1884. Acervo do IGHA.

Nesse sentido, conforme Norma Telles, o surgimento desse tipo de jornal bem como “o surgimento de sociedades e clubes femininos abolicionistas demonstra um tipo de iniciativa pública organizada que substituíra, para algumas mulheres das classes altas, as anteriores atividades filantrópicas” (2002, p. 415).

Outra experiência feminina na produção de jornais no Amazonas só ocorreu alguns anos após a extinção do *Abolicionista do Amazonas*. Em 1897 a pequena cidade de Codajás¹¹ no interior do Amazonas, viu nascer o jornal manuscrito *A Rosa* cujo subtítulo era “órgão do partido cor de rosa” fazendo menção ao público a que era

¹⁰ *O Abolicionista do Amazonas*, nº 1. Manaus, 04 de maio de 1884. Grifo meu

¹¹ A pequena cidade de Codajás foi criada em 1874 e por volta de 1920 contava com uma população de 700 habitantes. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 238.

destinado.

As informações sobre *A Rosa* são poucas. Há somente um único exemplar preservado nos acervos locais. O de número quatro, que marca o seu reaparecimento na cena jornalística do Estado¹². A publicação de quatro números representa uma média significativa para um jornal manuscrito de uma cidade pequena. Neste exemplar não há informações sobre os redatores. O jornal apenas faz menção de que eles eram “diversos”. *A Rosa* apresenta em seu conteúdo, charadas, poesias, mexericos e polemizavam com o “partido azul” na promoção de bailes pela cidade.

Também em Codajás no ano de 1909 surgiu outro jornal feminino intitulado *O Borboleta*, manuscrito, definido como “critico e literário” dizia ser o “representante do belo sexo na luta afanosa em bem da mulher que tem sido a guiadora dos luminosos passos da humanidade”. Pretendia ser número único, mas talvez uma possível receptividade tenha animado as suas redatoras para a publicação de uma nova edição, agora ilustrada, alguns dias depois¹³. Nesta nova edição *O Borboleta* rebate e tece críticas contra outro jornalzinho chamado “O Malando”, do qual não temos outras informações. A rivalidade entre os dois jornais fica evidente em cada linha escrita nas páginas dessa edição. “*A Borboleta* sempre viva, alegre e prasenteira, ri-se sempre do “Malandro e de sua choradeira”¹⁴. Suspeitamos que o motivo que suscitou o embate tenha sido unicamente a “ousadia” na publicação do *O Borboleta* por algumas mulheres da cidade, fato que possivelmente gerou certo desconforto masculino e acabou despertando uma “guerra entre os sexos” entre os dois jornais.

Deus supremo espírito de sabedoria, ao crear o homem deu ao seu coração todos os sentimentos maus como: o fingimento, a hypocrisia, a vaidade, a maldade, a volubilidade, a ingratidão, a crueldade, o despotismo, a tyrania e o egoísmo. Mas, para que o mundo fosse habitável formou o coração da mulher com todos os sentimentos nobres taes como: o amor, a amizade, a sinceridade, a modéstia, a bondade, a firmeza, a confiança, a submissão, a dedicação e a

¹² *A Rosa*, nº 4. Codajás, AM, 18 de dezembro de 1897.

¹³ *O Borboleta*, n. 1. Codajás, 11 de Abril de 1909. N. 02, 15 de abril de 1909. Cf: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas*. Op.cit, p. 238.

¹⁴ *O Borboleta*. Codajás, 15 de abril de 1909

generosidade¹⁵.

O Borboleta tinha como colaboradoras “diversas moças do meio social” da cidade, como era apontado na capa do jornal. Preferiam o anonimato, e usavam de pseudônimos na assinatura dos artigos: Haydée, Antonietta e Ailema Airam (Maria Amélia) que assinou o artigo de confronto com “o sexo forte” do segundo número.

Ainda em 1909, dois outros jornais foram produzidos em Manaus para representar os pensamentos femininos. O primeiro deles, *O Amôr*¹⁶, também manuscrito¹⁷, era editado pelas alunas da Escola Normal e retratava o cotidiano juvenil dentro e fora da escola. Em suas páginas, as normalistas “podiam dar vazão aos devaneios juvenis, insinuar-se aos rapazes que lhe caíam no gosto, mandar recados codificados àqueles que sonhavam um dia entregar o coração no altar e principalmente comentar as paixões das colegas confidentes” (PINHEIRO, 2001, p. 241). A direção d’*O Amôr* ficava a cargo de Alcina Lima Verde e a redação era composta por Violeta, Ana de Briza e de um jovem chamado Tetê. Para um jornal feminino e manuscrito *O Amor* alcançou relativa longevidade, já que manteve-se por mais de um ano¹⁸.

O segundo, *O Grêmio*¹⁹, “Órgão do Grêmio Familiar Amazonense”, foi sem dúvida alguma o mais importante jornal feminino produzido exclusivamente por mulheres no Amazonas no início do século XX por imprimir uma linguagem mais próxima ao conteúdo feminista de emancipação da mulher. Contava com diversas colaboradoras – todas elas sócias do Grêmio Familiar Amazonense, por exigência – entre elas Mathilde Neves e Mello

¹⁵ Idem.

¹⁶ Fundado em 16 de abril de 1909.

¹⁷ Segundo Pinheiro, a presença insistente dos jornais manuscritos ou datilografados no Amazonas parece traduzir tanto uma situação de tímido desenvolvimento socioeconômico, onde a ausência de capitais se impôs como uma barreira efetiva, quanto a vontade incontida tanto de grupos, quanto de indivíduos, que mesmo privados de recursos, buscaram um caminho alternativo para mostra-se ao mundo e intervir no contexto social. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit. p. 241.

¹⁸ No entanto, o único exemplar recuperado em nossa pesquisa é o de número nove.

¹⁹ Era um jornal impresso, com formato 36x 26,5 cm, contendo quatro colunas em quatro páginas. Pretendia ser uma publicação mensal, no entanto, só saiu a público duas vezes: a primeira edição em 5 de setembro de 1909 e a segunda somente 10 meses depois, em 10 de julho de 1910.

de Mattos Areosa²⁰ (que também publicava contos e poesias nos jornais diários de Manaus), Calíope, Themis, Amazonina, Polymnia, Nice, Olívia Canuto. Outras preferiam o anonimato e assinavam através de epítetos: Nêne, Clio, Lily of The Valery ou usando apenas suas iniciais²¹.

IMAGEM 2:
MATHILDE DE MATTOS AREOSA= 1932



Revista Redenção. Suplemento especial. Manaus, 02/11/1932.

O Grêmio advogou na luta pela educação da mulher. No seu artigo de apresentação diz claramente ser este o seu objetivo: "A nossa humilde missão na imprensa indígena é despertar o estímulo das boas amigas e caras consocias nos

²⁰ Portuguesa de Coimbra, viveu em Manaus durante longos anos. Abrilhou o Amazonas com suas poesias e contos. Morreu na sua cidade natal em 1917. *Revista Redenção*. Suplemento especial, 02/11/1932.

²¹ A própria Mathilde Areosa em alguns artigos escondia-se através de suas iniciais. No artigo *Avante!*, por exemplo, assinou apenas M. A.

trabalhos intellectuais onde se aperfeiçoa a intelligencia e se prepara o coração para sentir melhor (...)²².

De fato, a análise deste jornal nos oferece muitos elementos compatíveis com a luta pela instrução feminina presente em vários jornais produzidos por mulheres no país inteiro. Estava claro que somente com uma instrução mais completa elas conseguiriam se libertar “das prisões obscurantistas e colocar-se na posição a que tinham direito, na esperança de um povir que traria também a sua glória”²³. A ‘posição’, a qual mencionam entendemos tratar-se de educação formal e direito à uma profissão remunerada. Estariam as redatoras do jornal contribuindo para o reconhecimento do valor da mulher através da conquista desses direitos? Esta pretensão fica evidente no artigo *Avante!*

(...) a nós, poderá ser concedido um dia o louro da victória por termos cooperado com o desenvolvimento intellectual da mulher, nesta tão nova e florescente cidade. Veremos assim coroadas a grande somma de esforços, que empregamos, acompanhada de uma boa vontade sem igual.

Mas ainda temos muito, mais muito a fazer e este esforço traduz apenas um pequeno preparativo para jornada mais longa que logo será empreendida (...) Esforcemo-n“os, por que o esforço tudo vence. Só a idéia do impossível que é a condição do desanimo nos fará recuar (...)²⁴

Neste mesmo artigo, Mathilde Areosa considera que a distinção entre os homens e as mulheres dá-se muito mais por questões sociais do que biológicas fazendo com que os homens sejam capazes de resolver os múltiplos problemas do cotidiano e as mulheres acovardem-se diante deles achando impossível enfrentá-los. Para a autora do artigo a superação para tal atitude viria apenas com a aquisição (e o cultivo) de uma cultura intellectual que se fazia necessária.

A intelligência e a comprehensão da mulher, estão em correlação equitativa com a do homem, sendo porém a deste mais cultivada.

O homem tem mais força de vontade e o seu ideal é mais elevado porque elle sonha com o que é grande, sublime e glorioso; trabalha, lucta, pensa, emprega inauditos esforços, para a resolução dos problemas que lhe apresentam ao pensamento, até encontrar a solução exacta, e assim torna-se superior; problemas estes que a mulher talvez só em delles ouvir falar os considera logo

²² *O Grêmio*, n 1. Manaus, 05 de setembro de 1909.

²³ *Idem*.

²⁴ *Idem*.

impossíveis.

Por que?

Pela falta de compreensão, pela falta de reflexão, pela falta de orientação? Não, mas pela ausência da cultura intelectual necessária.²⁵

Com seu discurso, Mathilde Areosa conclamava as mulheres amazonenses ao cultivo de sua inteligência seja através das oportunidades surgidas e a surgir, seja através da coragem de lutar e se deixar atingir por esse ideal. Era preciso que suas leitoras entendessem o verdadeiro significado do desenvolvimento intelectual que pregava o jornal.

Temos exemplos vivos na América do norte, em alguns países da Europa e mesmo no sul de nosso país, em mulheres munidas de diplomas, desenvolvem as suas diversas actividades, provando desta forma que suas intelligencias foram desenvolvidas e aperfeiçoadas, dando em resultado o que sabemos. Já vemos que as intelligências estão equiparadas, faltando-nos apenas o cultivo e no dia em o tivermos, nesse dia será feita a emancipação da mulher.

– Manaus tem verdadeiros talentos, tanto para as letras como para as Bellas-artes; no entretanto, homisiam-se em casa, quedam-se em um indifferentismo lastimável, sem dar publico testemunho de seu valor.

Não apparecem, não nos estimulam, afim de que nossa capital não se torne tão lugrube, monótona, como é pela falta de brilho intellectual feminino e mesmo para que as nossas gentis patrícias dos outros estados, não nos façam inveja, não nos considerem aquém de seus merecimentos.²⁶

No seu segundo número, num artigo assinado por Amélia Santos, *O Grêmio* faz uma pequena homenagem às mulheres ilustres que abrilhantaram o mundo com sua inteligência e coragem em várias épocas da História. São mencionados nomes como os da poetisa Catharina de Alexandria, Maria Stuart, Joana D'Arc e as literatas Narcisa Amália de Campos, Julia Lopes de Almeida entre outras. A autora diz-se entusiasmada pois naquele momento outros exemplos estão a surgir principalmente por que

(...) Felizmente a mulher vai deixando de ser uma ostentação de belleza plástica dos salões, para collocar-se pela cultura intelectual no estudo de problemas que dizem respeito á communhão social.

Vê-se hoje, com admiração de muitos, o elevado numero de moças que freqüentam os cursos secundários e superiores dos principaes estabelecimentos de instrucção de Manáos.

São estes os primeiros ensaios da elevação e grandeza da mulher.

²⁵ *O Grêmio*, n 1. Manaus, 05 de setembro de 1909.

²⁶ *Idem*.

Preza aos céos que um raio de sol as illumine e Deus, dos arcanos de sua maravilhosa sabedoria, as proteja para o bem e gloria da humanidade.²⁷

Entende-se que a necessidade de educação apregoada pelo O Grêmio e por muitos outros jornais femininos e feministas era identificado como a mais importante ferramenta da libertação feminina, capaz de transformar a vida das mulheres que melhor soubessem oportunizar os espaços abertos por ela. No entanto, o discurso do jornal revela-se ambíguo, pois ao mesmo tempo em que defendia a equiparação dos direitos das mulheres frente aos dos homens sendo favorável à emancipação feminina, reiterava o discurso religioso e positivista do verdadeiro papel da mulher. No tocante a educação, por exemplo, num de seus artigos denominado de *A Conquista* reitera o objetivo da educação feminina para a formação dos filhos: “mais tarde seremos mães de família, teremos de educar cidadãos para a pátria e para isso é mister que estejamos aparelhadas para uma tarefa tão árdua, tão difícil”²⁸. Em outro artigo, na mesma edição, ao comentar sobre a trágica morte de Euclides da Cunha, a redatora Calíope, vangloria o escritor e menospreza sua mulher por considerá-la culpada pela tragédia. Culpada, por ter se desviado de seus papéis de esposa e de mãe de família e de ter sucumbido aos apelos da carne ao envolver-se com outro homem, mais jovem e autor do homicídio.

(...) Entristece-me sobremodo a cauza desse homicídio; peza-me bastante, quando lembro que de que foi a sua mulher, a sua companheira, a deusa do seu lar, a causadora dessa desgraça.

Nessa mulher o glorioso escritor depositara todas as suas alegrias, todos os seus esforços, todas as suas glórias, todos os seus sonhos de ouro, sonhos que ela lhe deu e que depois arrancou.

Nela estava depositada a sua honra, a honra de seus filhos queridos, desses ófans que hontem eram tão felizes e que hoje baixarão a cabeça envergonhados de um tão triste acontecimento (...)

(...) No entanto, a infeliz é ela que desapareceu da sociedade e desaparecerá do mundo como um animal qualquer, sem prestígio algum; e ele oh! Esse deixa a saudade no coração dos que o conheceram e nas pájinas da História um rastro luminoso que nunca se apagará.²⁹

Se por um lado a presença de mulheres foi mais tímida na confecção dos jornais

²⁷ *O Grêmio*, n 2. Manaus, 10 de Julho de 1910.

²⁸ *O Grêmio*, n 1. Manaus, 05 de setembro de 1909.

²⁹ *Idem*.

femininos e inexistente nos cargos de direção e redação dos grandes jornais diários, a sua participação enquanto “*gentis colaboradoras*”, foi mais intensa embora restrita sempre a algumas seções como a crônica social, editoriais de moda, páginas literárias e de variedades. Tanto nas pequenas ou modestas folhas ou nos grandes jornais entre eles os diários, era ali que elas se encontravam vendo “seus poemas, sonetos e despretensiosas crônicas da vida mundana ganhar as páginas dos jornais” (PINHEIRO, 2001, p.241), imprimindo de forma diminuta suas impressões sobre o seu, também diminuto, espaço de atuação e circulação. Como sugere Buitoni, a imprensa feminina configurou-se como um canal de expressão para as sufocadas vocações literárias das mulheres, principalmente no campo das produções menores (1990, p.40).

Algumas dessas folhas que recebiam colaboração feminina eram dedicadas a elas, embora produzidos por homens, como era o caso do *A Borboleta*, de 1892, que entre os seus colaboradores contava com a senhorinha Silva e Umbelina Calazans, ou do *Terpsichore*, de 1909. Este último, na sua única edição³⁰, faz referência a um futuro jornal literário intitulado “*O Postal*” que também seria dedicado ao sexo feminino e com a colaboração delas, sendo produzido por dois importantes intelectuais de nossa cidade, cujos nomes a nota não informa³¹. Ainda neste mesmo viés, *O Jornal das Moças*, de 1926, também criado e administrado por rapazes, pautava-se por ser um “registro quinzenal do pensamento moço dos amazônidas”. Apresentava um conteúdo bem variado, com espaço para poesias, contos, mexericos, informes, crônica social e artigos sobre assuntos diversos, contando com a participação de algumas moças da cidade.³²

³⁰ *Terpsichore*. Nº 01 Manaus, 13 de fevereiro de 1909.

³¹ Não foi encontrado nenhum exemplar do referido jornal nos arquivos. Portanto, não sabemos se ele foi publicado realmente ou se não passou apenas de uma tentativa que foi frustrada.

³² Infelizmente, devido ao fato de só termos localizado o seu segundo número e de suas páginas estarem incompletas, não temos uma dimensão maior da colaboração feminina nesta revista. Data de 31 de agosto de 1926. Das 24 páginas contidas nesta segunda edição, segundo informações da própria revista, apenas algumas foram preservadas.

IMAGEM 3: JORNAL DAS MOÇAS = 1926



Fonte: *Jornal das Moças*. Manaus, 1926. Acervo do IGHA.

Em 1906 foi produzido um *Polyanthéa* em comemoração a formatura dos alunos da Escola Normal naquele ano. Em maioria, as formandas e outras alunas da mesma escola colaboraram na produção do jornal com artigos que discutiam sobre educação, instrução e papel do professor na sociedade. Nada que estivesse próximo às questões de cunho feminista. Muito pelo contrario, todos os artigos tinham como característica uma linguagem assexuada. A exceção se faz no artigo de Juventina Pires denominado de *A mulher*. Muito embora seu discurso trate de questões pertinentes ao seu sexo, incorpora um tom conservador e positivista que reitera os papéis naturais da mulher. O ensino é entendido como missão e o magistério como a profissão compatível com a natureza feminina.

Completam hoje as minhas collegas o seu árduo tirocínio escolar e vão encetar este caminho não menos árduo, porem, honroso e o mais nobre que a mulher póde cumprir: o ensino. Vão praticar a delicada missão da mulher – semear luzes para que a humanidade colha flores.³³

Reitera ainda que a qualificação feminina servia para “moldar” a mulher que se queria para mãe e principalmente educadora das novas gerações:

³³ *Polyanthéa*. Manaus, 21 de Novembro de 1906.

Não ides trabalhar para vós; vossa obra não terá applausos, mas bem vedes, a recompensa é indiscutível e preciosíssima. Sou mulher, e, como tal, só desejo para meu sexo o mais honroso papel social e não julgo que haja nada mais honroso e elevado que o ser educadora e mãe. Como mãe, é educadora poderosa; como educadora é a mãe poderosa da sociedade. Para isso ella precisa ter luzes, intelligencia culta, coração bem formado.³⁴

Embora não possa se enquadrar nos modelos de revista feminina, a importante *Revista Redenção*³⁵ desde o seu início em 1922, flertava com o público feminino. Tentando atrair as “gentis leitoras”, público em ascensão no período, admitiu em sua estrutura representantes do “belo sexo” que colaboravam com a produção de artigos que tratavam particularmente do universo feminino, ou ainda, submetiam seus poemas e poesias para publicação na revista. Nesse sentido, a *Revista Redenção* destacou-se pela intensa participação deste sexo nas suas duas fases. Na primeira fase, a colaboração dava-se principalmente a partir da coluna “*Chronica Feminina*” presente em todas as edições e na segunda fase através da sessão denominada de “*Jornal Fútil*”. Aliada a essas duas colunas, outras colaborações femininas preencheram esporadicamente a revista em todo o seu período de circulação³⁶.

À frente da *Chrônica Feminina* estiveram Olivia Canuto Torres (edição 05/06 de março/abril de 1925) que já havia colaborado em outros jornais entre eles *O Paládio* e *o Grêmio*; Yvone (edição 11 de julho de 1926) que acredito ser a mesma que colaborava no jornal diário *Folha do Amazonas*, em 1910, escrevendo basicamente sobre Moda; e Anticleá³⁷ que assinou a referida sessão na maioria das edições publicadas.

A coluna *Chronica Feminina* retratava assuntos bem particulares do universo

³⁴ Idem.

³⁵ A *Revista Redenção* de propriedade de Clovis Barbosa teve duas fases distintas: a primeira de 1924-1927 tirando 14 números mais 2 edições especiais; e a segunda de 1931-1932 com 32 números e um suplemento especial.

³⁶ A saber: Maria Sabina de Albuquerque, poetisa carioca, colaborou na *Revista Redenção* nos seguintes números: no n. 13 de 1927 quando transcreveu trechos do livro *Alma tropical* (O salto da cachoeira grande) e com poesias nas edições n° 21 (23/05/1931) e n° 26 (27/06/1931); Berenice Martins Prates com o poema *Nós* (edição 05/06 março/abril de 1925); Miryam Moraes com *Rustico* na página feminina (Ed. 08 de 1925) e com o ensaio *Meu Budha* (ed 02 jan de 1931; *Mulatinha Coelho* (Ed 12 dez 1926); *Kilde Veras* em o milagre das estrelas (Ed 04 de 1931).

³⁷ Não foi possível precisar se Anticlea realmente era mulher ou se era apenas um pseudônimo feminino utilizado por um homem; na edição n. 04 (fevereiro de 1925) ao falar sobre a morte de uma importante professora da cidade, sua escrita revela sobre si adjetivos masculinos como “surpreso”, “maravilhado”.

feminino como comportamento e moda, por exemplo. Era onde, segundo a cronista Anticléa, se encontrava o riso, a graça, a futilidade, a irreverência e a crítica. Crítica esta *que feria, mas não matava; perturbava, mas não atingiam*³⁸. De fato, pelo menos em três edições cujo tema era a moda, a crítica se fazia bem presente. Olivia Canuto revela-se preocupada com as novas tendências da moda naquela época que poderiam influenciar o comportamento feminino: “o exagero do traje feminino faz, actualmente, transparecer uma ansiedade febril de exibição como se fora um extravio da consciência moral da civilização dos povos”³⁹.

Os novos trajes adotados pelas mulheres eram acusados de retirar-lhe a “graça”, mas a dimensão disso era maior: poderia influenciar na mudança de comportamento das mulheres uma vez que os valores eram postos à prova. Foi sobre isso que escreveu Anticléa na edição de agosto de 1926. Na fala da articulista podemos perceber uma extrema condenação ao que muitos entendiam como sendo resultado do “progresso” que circundava o período, além de uma nostalgia às gerações anteriores como referência de dignidade, respeito e sensatez.

Progresso, isto? você chama a essa completa dissolução de costumes, progresso? Ora francamente é lamentável que uma mulher chegue ao ponto em que você chegou de aceitar, não só aceitar, mas elogiar com altos brados de entusiasmo, os meios pelos quaes vimos cantando adiantamento de civilização. Não se illuda. Nós caminhamos para um regresso e um feio regresso...
A mulher com a nova moda do smoking, abandonou o último vestígio da graça, aquela graça feminina tão simples, tão delicada, que vestiu as nossas avós e as decantadas heroínas de tempos idos
(...) não precisávamos da demasia das saias compridas, afogados decótes e apertadas mangas. Bastava o meio termo de tudo isso. E a graça ficava intacta, e o pudor mantinha-se no lugar merecido, e a mulher reinava verdadeiramente bella, porque verdadeiramente a mulher seria respeitada, seria glorificada (...)⁴⁰

Podemos perceber ainda que ela culpa a própria mulher pela sua condição naquele momento: se os homens faziam “troça” delas, não mais as respeitavam como

³⁸ *Revista Redempção*. Edição n° 04 fevereiro de 1925

³⁹ *Revista Redempção*. Edição n° 05-06. Manaus Março/Abril de 1925. Este tema também era objeto de críticas e preocupações por diversos jornais e revista do período.

⁴⁰ *Revista Redempção*. Edição especial. Agosto de 1926.

antes, era culpa das novas convicções e atitudes femininas. Ela externava preocupação com a continuidade dessas mudanças que seriam fatais para as mulheres caso elas não retrocedessem.

Veja, analyse, sinta a linguagem que os homens, nos dias actuaes, vêm usando para com as mulheres . O seu corpo não estremece, a sua dignidade não se revolta diante de tão baixos conceitos e duras opiniões? Ah! Minha amiga, pensar que não temos direito a protesto!...

A accusação cada vez mais se alevanta, o desrespeito, dia a dia, campeia, a maldade augmenta, a paixão perversa... E **a mulher caminha para o abysmo, despreendida de uma vez que grite: pára!** Desamparada de uma alma caridosa que lhe embargue os passos, de um sentimento que a commova, porque **o pudor foi banido, o respeito abandonado, alvitada a dignidade, porque pela sua vontade consciente, ella desceu do pedestal que lhe havia erguido o próprio homem que hoje a accusa, para vir cá em baixo cavar o abysmo profundo...** e você ainda diz que tudo isto é progresso?

Não pode existir progresso com tantas e tamanhas baixezas, fique certa. Progresso existe no sentimento, nos actos, na vida de cada um, desde que esse sentimento, esses actos, essa vida, tenham um ideal nobre, visem um aperfeiçoamento completo que nos adiante a intelligencia de um modo absoluto, que nos modifique os hábitos e costumes para costumes e hábitos melhores e não hábitos e costumes que aviltam, que humilham e que nos põe, emfim, numa condição tão inferior e tão retrograda.⁴¹

Em outro artigo, Anticléa julga impróprio e inadmissível a nova moda de corte de cabelos *à la garçonne* ou *raspados à inglesa* adotados por muitas mulheres naquele período, inclusive pelas “mulheres de vida fácil”⁴². Por ser uma moda “vulgar e popular” favorecia a degradação da mulher de respeito.

Por toda a parte, enfim a mesma loucura, o mesmo ridículo, idêntica mania dominando a um tempo todas as descendentes de Eva. Moças e velhas, solteiras e casadas, loiras e morenas...

Não há mais differença, não há mais distincção entre umas e outras. Todas se parecem, quase se confundem.⁴³

Na segunda fase de Redempção surgiu a coluna entitulado “*suplemento Jornal Fútil*”, com conteúdo exclusivamente dedicado às mulheres, porém produzidos por homens, mas que algumas vezes contou com a colaboração de representantes do sexo

⁴¹ Idem. Grifos meu.

⁴² Referência usada no período.

⁴³ *Revista Redempção*. Edição n. 03. Manaus, janeiro de 1925.

feminino. Essas colaborações estiveram restritas à poesias e contos mas o *suplemento*⁴⁴ falava de moda, receitas culinárias e normas comportamentais ditas femininas, que ali se apresentavam como modelares (CORREIA, 2010, p.101). Sua redação era resguardada uma vez que a assinatura dos artigos era feita apenas pelas iniciais H, C e Mary. Em tom de galhofa diziam só “aceitar colaboração de moça feia e publicar somente clichês de gente bonita”⁴⁵.

O fato de o suplemento dizer que “era emancipado de *Redenção*, de ser independente dela e fazer oposição às suas páginas de literatura pesada”⁴⁶, parece-nos uma tentativa de reiterar uma suposta inferioridade intelectual feminina, uma vez que ao invés de conteúdos “pesados” apresentava conteúdos amenos, de fácil compreensão e “artigos doutrinários” com vistas ao ensinamento de hábitos refinados e de informações úteis para o bom funcionamento do lar.

Na edição n° 04 o suplemento *Jornal Fútil* apresenta os primeiros versos da poetisa e professora normalista Marysa Correia que usava o pseudônimo Rosaura Marília. Marysa foi um importante nome no cenário literário local na década de 1930.

Outra importante revista do período que usou a mesma tática de flertar com o público feminino foi a revista *O Rionegrino*. Surgida a 27 de fevereiro de 1922, era no seu início uma publicação restrita aos eventos carnavalescos e de circulação interna destinada aos sócios do tradicional clube esportivo da cidade *Atlético Rio Negro Clube*. No entanto com o decorrer do tempo a revista foi se modificando e se configurando como uma verdadeira revista de variedades, passando a ter periodicidade mensal e sendo comercializada ao público em geral (CORREIA, 2010, p.109).

Fabiana Libório Correia observa que *O Rionegrino* pretendia sempre se identificar com o público feminino haja vista que tanto nas suas capas como por toda a revista eram estampadas imagens das senhoras e jovens de famílias tradicionais da elite manauara. Nas colunas sociais, elas eram sempre o alvo, referendadas pela sua postura, requinte, beleza

⁴⁴ O primeiro número aparece na edição 09, de fevereiro de 1931 e o último, o número 05 está na edição 20, de maio do mesmo ano.

⁴⁵ Suplemento do *Jornal Fútil*. n° 03. *Revista Redenção*. Edição n. 11. Manaus, março de 1931.

⁴⁶ Idem.

e talento artístico.

Contudo, a autora chama a atenção para as temáticas femininas discutidas nas páginas da revista que geralmente apresentavam uma tendência conservadora e privilegiavam a preservação de uma moral tradicionalista, reforçando a imagética da mulher como frívola e frágil, mas também da filha atenciosa, da mãe dedicada e, sobretudo, esposa submissa⁴⁷. Vale ressaltar que essa não era uma tendência exclusiva da *Rionegrino*, mas uma postura encontrada na maioria dos jornais e revistas de Manaus.

Mesmo assim, à luz de nossa avaliação *O Rionegrino* tem uma importância fundamental para a História das Mulheres amazonenses, pois oportunizou espaços para seus pensamentos e para a sua projeção. No final da década de 1920 as primeiras colaborações femininas aparecem na revista com o objetivo de aperfeiçoar as colunas à elas direcionadas. Mapeamos a presença de algumas, entre elas duas importantes figuras do cenário feminino manauara: Rosália Beatriz e a poetisa Violeta Branca⁴⁸.

IMAGEM 4:
ROSÁLIA BEATRIZ= 1929



Fonte: *O Rionegrino*. Manaus, 1929.

A contratação de Rosália Beatriz como cronista d'*O Rionegrino* assinala um momento bem interessante para a revista e para as próprias mulheres. Suas crônicas falavam geralmente sobre sentimentos, dilemas emocionais e afetivos, além de outras

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Além destas citadas, temos também contribuições esporádicas ou às vezes única na referida revista: Anna Pereira, Miryam Moraes, Mercedes da Silveira Pamplona, Nysia Netto geralmente aventurando-se no campo literário.

questões próprios do universo feminino, que introduzem inegavelmente um tom mais moderno e até mesmo ousado diante das mulheres, mesmo diante da tradicional visão conservadora da revista (CORREIA, 2010, p. 111). Foi esse o perfil adorado em seus escritos nas cinco edições publicadas entre os anos de 1929 e 1930⁴⁹, onde ela buscava uma maior interação com o público feminino.

Nas suas duas primeiras crônicas ela reproduz algo comum nas seções femininas das várias revistas do período: o de responder cartas de amigas ou leitoras sobre o que lhes afligia. Na primeira, denominada “Conselhos” ela fala a uma jovem que, alimentando um sentimento por um certo rapaz e não sabendo como se portar, vai em busca de seus conselhos. A resposta de Rosália publicada em forma de artigo mostra uma mulher ousada, experiente e que acima de tudo parecia não temer e desejava ultrapassar os preconceitos e estigmas em voga.

Por muito inexperiente, uma mulher, não creio que desconheça, de um modo absoluto, os sentimentos que aspira.

Desse rapaz que você me fala, pode-se concluir muitas suposições.

Se você ignora que seja amor o sentimento que faz o seu jovem poeta entreter-se com você, pelo menos a minha amiga sabe que ele a corteja.

Se quer bem a esse rapaz, seja um pouquinho astuciosa. Não suspire. Não olhe tanto as estrelas.

O romântico cortejar de outras eras, é hoje substituído por uma boa camaradagem, alguém o disse e disse bem.

Não pense que o seu poeta é um príncipe encantado, senão um homem, simplesmente um homem, com as qualidades e todos os defeitos do sexo.

Uma mulher romântica, nos dias atuais, torna-se enfadonha. Não resta dúvidas que o “flerte” existe entre você e seu amigo.

Ele, talvez, esteja achando delicioso só isso. Há homens assim. Alguns por timidez, outros por mero prazer espiritual, ainda outros para fugirem de responsabilidades e outros ainda por verdadeira mania.

Mas, se aos tímidos, aos espirituais, aos prudentes, e aos maníacos, uma mulher astuciosa souber prendê-los seriamente nos seus encantos, o tímido falará, eloqüentemente, o espiritual dirá que “um lar..., uma mulher..., um choro de criança... e... uma sogra...”, não são, afinal de contas, coisas muito burguesas. Dos prudentes, conhecemos casos de verdadeiros triunfos, e os maníacos serão os primeiros a declarar o “flerte” é nocivo a sociedade.

(...) o seu “flirt” porém é um rapaz gentilíssimo o que me faz supor que um pequeninho esforço da minha amiga fará como tanto deseja, o poeta declarar-se positivamente

⁴⁹ A saber: “Conselho” na edição n. 08 (maio de 1929); “Da Beleza da Mulher”, edição n. 09 (junho de 1929); “A uma noiva desiludida”, edição n.10 (julho de 1929); “Carta Bilhete” edição n.12 (setembro de 1929); “Consolação”, edição n. 15 (janeiro de 1930).

Sei que tem medo do fracasso da astucia. Em certo ponto tal receio tem sua razão de ser. Entretanto, você precisa agir (...)

Desassossegado o coração, há dois caminhos a conhecer: procurar conhecer, claramente, quais são as intenções desse rapaz ou se afastar enquanto é tempo.⁵⁰

Na segunda crônica, respondendo “a uma noiva desilludida”⁵¹, Rosália Beatriz tenta através de suas palavras amenizar o sofrimento de uma moça que as vésperas do casamento sofre uma desilusão com seu noivo. A noiva, pelo que subtende-se na crônica, tinha aspirações românticas demais para com o casamento e lamentava não sentir o mesmo no seu consorte, não entendendo o seu comportamento. Rosália Beatriz embora compreendendo o sofrimento da “amiga” e dizendo que não é comum para a mulher “renunciar depressa as suas aspirações oriundas de uma sentimento nobilitante”, sugere mudanças em seu comportamento, pois “os homens estão fugindo das mulheres sentimentais”. Com esse pensamento a cronista também indicava a necessidade de mudanças no comportamento feminino em relação com o homem. Pois, segundo ela,

Aquelles que prestam a atenção a uma mulher que tenha um pouco de sonho, acabam com o teu bardo: insolentes, autoritários. Eis tudo. Eis o que penso desses rapazes que revestindo a capa de galantes cavalleiros d'antanho fingindo idealizar figurinhas gentis como se fossem aquellas antigas castellãs de cabello de ouro que viviam pelo amor do seu amor, escondem péssimos princípios⁵².

Esse comportamento então, próprio dos homens, não deveria consistir num flagelo feminino. Era preciso saber conviver com isso e tirar lições dos sofrimentos vividos.

Felizmente, tu agora o reconheces; mas, foi a preço de teus melhores sentimentos a realidade que tens hoje, das cousas da vida.

Volta, pois, ás reflexões ponderadas

Os homens valem pelos actos que cometem.

O homem delicado, mil acções diferentes dizem o que elle é, como o homem desabusado trahe-se nas mais primorosas gentilezas.

Cabe estimular nossa argúcia nesse sentido.

Essas cousas, no geral, aprende-se a custo de muito soffrer. Não faz mal. Depois vem a verdadeira compensação, aquella que nós, mulheres, recebemos do nosso espírito, do nosso próprio valor, onde o egoísmo masculino não tem

⁵⁰ *O Rionegrino*, nº 8. Manaus, maio de 1929

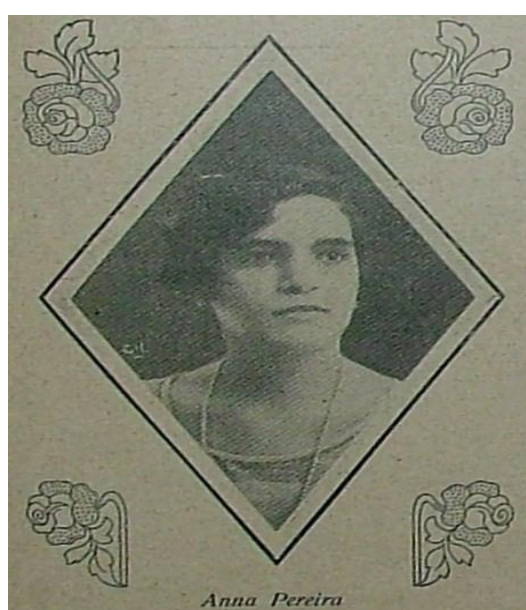
⁵¹ *O Rionegrino*, nº 10. Manaus, julho de 1929.

⁵² *Idem*.

imagem porque delle soubemos compreender as maldades ⁵³.

Além da *Revista Rionegrino*, Rosália Beatriz que morava no Rio Grande do Sul, também colaborava com outros jornais e revistas de Manaus e do Rio de Janeiro. Na edição de número 14 (Novembro/1927) a *Revista Redenção* anuncia para o seu número seguinte a participação da cronista na publicação de crônicas fulgurantes denominadas de “cartas gaúchas”. No entanto, a participação não ocorreu porque esta revista deixou de circular exatamente nesta edição, voltando a circular somente no ano de 1931.

IMAGEM 5: ANNA PEREIRA= 1929



Fonte: *O Rionegrino*. Manaus, 1929.

O artigo “Miss Frivolidade”⁵⁴ de Anna Pereira, que colaborou no *Rionegrino* também no ano de 1929, é na verdade uma crítica a um novo perfil feminino surgido a partir do início do século XX. A mulher frívola, ou melindrosa, resultado da modernidade, era aquela extremamente preocupada com a aparência e com as coisas mundanas. Vivia para o flerte e não se preocupava com o futuro, com a maternidade, com educação e trabalho. Este “modelo” feminino passou a ser objeto de acirradas críticas na sociedade e arduamente combatidas por diversos jornais que circulavam na cidade.

⁵³ Idem.

⁵⁴ *O Rionegrino*, nº 10. Manaus, julho de 1929.

Outra importante colaboradora d' *O Rionegrino* foi a jovem poetisa Violeta Branca. Seus primeiros poemas foram publicados na revista quando ela ainda contava com 14 anos idade. Embora muito jovem, seus poemas demonstravam certa maturidade e desprendimento com relação aos temas que abordava. Temas como o universo amazônico e seus mistérios, a ânsia pela vida e pela liberdade, o amor e a sensualidade, temas ousado para a mulher da época, estão presentes na poesia de Violeta Branca⁵⁵:

Quando me olhas com o teu olhar velado, Meu amado,
 Meu coração apressadamente palpita
 E eu não sei si me invade uma alegria muito grande Ou uma dor infinita.
 O teu olhar tem qualquer cousa de sublime, Qualquer cousa que me opprime.
 O teu olhar veio do inferno,
 O teu olhar para mim é um caustico eterno Quando me olhas com o teu olhar
 velado, Meu amado,
 Sinto que vaes toda a minha alma acorrentando, Torturando,
 Fazendo-a em chammas.
 E sinto-me ficar de mim mesmo esquecida, Longe de tudo, longe da vida,
 Para me embriagar mais com o teu olhar de inferno Que as vezes queima
 como fogo,
 E outras vezes é frio como o inverno!⁵⁶

Em 1935, aos 19 anos, publicou seu primeiro livro intitulado "*Ritmos de Inquieta Alegria*" que reúne poemas "de uma alma ainda adolescente", mas cheia de surpresas⁵⁷. Quando da sua publicação, o livro surpreendeu pelo seu lirismo e ousadia expresso nos temas abordados, assim como o fazia nos poemas publicados nas revistas. O trecho do poema volúpia transcrito abaixo exemplifica a afirmação:

O beijo que deste no meu pulso cobriu de angústia a forma imaterial dos meus sentidos. Não percebeste o latejar das veias ao contato de teus lábios, e nem advinhaste que foi o prazer que me fez silenciar..."⁵⁸

Violeta Branca tornou-se umas das grandes representantes da poesia amazonense e um ícone para a literatura brasileira. Mesmo morando no Rio de Janeiro, a poetisa continuou a colaborar em algumas revistas amazonenses. Em 1936, por exemplo,

⁵⁵ *Revista Identidade*. Disponível em www.revistaidentidade.webnode.com.br. Acesso em 18/07/2010

⁵⁶ O teu olhar. *O Rionegrino*. Edição n. 12 setembro de 1929

⁵⁷ *Jornal A Crítica*, Manaus 11 de outubro de 2000

⁵⁸ *Volúpia*. In: *Ritmos de Inquieta Alegria*. Livraria Valer. 2ª edição. Manaus, 1998

publicava seus versos e poemas na Revista Cabocla e em 1937, na revista “A Selva”⁵⁹. Neste mesmo ano, tornou-se a primeira mulher a pertencer a Academia Amazonense de Letras (AAL), na qual ocupou a cadeira de número 28. Este fato assinala uma importância inigualável para a literatura e para a História das Mulheres no Amazonas principalmente por que consolidou a abertura de caminhos para outras mulheres⁶⁰.

IMAGEM 6:

POETISA VIOLETA BRANCA DE VASCONCELOS EM DOIS TEMPOS



Fonte: *Rionegrino*, nº 13 (Manaus 1929) e aos 85 anos
(www.revistaidentidade.webnode.com.br)

⁵⁹ *A Selva* foi uma importante revista de variedades que circulou em Manaus a partir de 1937. Era dirigida pelo intelectual Clovis Barbosa.

⁶⁰ Violeta Branca só produziu seu segundo livro no ano de 1982. Trata-se de *Reencontros - Poemas de Ontem e de Hoje*. Morreu em outubro de 2000 na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Identidade*. Disponível em www.revistaidentidade.webnode.com.br. Acesso em 18/07/2010.

A revista de variedades “*A Nota*”, de 1917, produzida por *intrépidos e brilhantes jornalistas*⁶¹, embora fazendo troça e zombando do avanço e da ampliação dos espaços de atuação feminina teve em seu quadro, em todos os seus doze números publicados, a participação de uma mulher. Maria Sylvia assinava a sessão “Molduras” com poesias e sonetos que falavam de temas próprios do universo feminino exaltando-o. Explorou os perfis femininos, exaltando o valor de mulheres comuns, porém singulares.

Embora seja nítida na maioria dos escritos femininos analisados a preponderância de assuntos amenos, ligados diretamente ao contexto do “permitido para as mulheres”, expresso, por exemplo, nas poesias e contos. Mesmo assim, conforme Maria Luiza Pinheiro, não se deve concluir que a ação das mulheres na imprensa amazonenses demonstrasse sempre uma postura apática ou alienante e invariavelmente submissa⁶². Algumas escritoras “transgrediram a norma social vigente” publicaram seus pensamentos idealizando mudanças na condição social, educacional e profissional feminina.

Um exemplo dessa assertiva está num escrito da poetisa carioca Maria Sabina⁶³ denominado de “*Victórias do Feminismo*” publicado na *Revista Cabocla* no ano de 1936. Neste artigo, ela defende vigorosamente o feminismo e conclama saudosamente as mulheres amazonenses a conhecê-lo.

Minhas amigas e companheiras de ideal.

É a vós especialmente que me dirijo neste momento em que, procurando esquecer a minha personalidade de escritora e artista criadora de emoções, quero ser simplesmente a colaboradora ardente e convicta, orientadora da opinião em tudo o que se relaciona com a causa feminina. Como vice-presidente da “Federação Brasileira Para o Progresso Feminino”, a maior organização feminina brasileira (...), creio ter alguma autoridade como orientadora da opinião. O Grito angustioso da mulher que desde o século

⁶¹ *A Nota* circulou em Manaus entre agosto e novembro de 1917, editando doze números. Se auto-definia como “semanário ilustrado. Humorístico, epigramático, mephistophelico, prosapioso, etc.”. A autoria de *A Nota* foi revelada no livro de poemas “*Perfis Amazônicos*” de Heitor Veridiano, publicado no ano de 1947. A obra que descrevia personagens ilustres da vida política e literária regional revelou as identidades daqueles que se escondiam através de seis pseudônimos: “*Eu [Heitor Veridiano], Álvaro Maia e Ariolino redigimos A Nota, uma revista, que na época brilhou e fez conquista, sendo do nosso set órgão granfino (...)*”. VERIDIANO, Heitor. *Perfis Amazônicos*. Manaus, Imprensa Oficial, 1947, p. 61. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op.cit. p. 201-2.

⁶² PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 248

⁶³ Maria Sabina desde o início da década de 1930 colaborava em revistas e jornais amazonenses. No ano de 1931, por exemplo, teve algumas de suas poesias publicadas na *Revista Redempção*.

passado vem repercutindo até nós encontrou um eco de simpatia em nosso país até os seus recantos longínquos como o prova neste momento a nossa ramificação amazonense em cujo seio acolhedor e amigo me encontro neste momento encantada e desvanecida. A Federação Amazonense Pelo Progresso Feminino “é uma destas árvores novas douradas pelo sol dos trópicos”(…).

Na opulência da sua grandeza a Amazônia é uma virgem. E muitas almas aqui serão como o solo generoso que ainda não foi desbravado e semeado de idéias novas em respeito de verdades básicas do feminismo. Nelas, a semente da justiça e de Beleza da causa da mulher, germinará na exuberância primitiva de um deslumbrante florescimento tropical. Mas, se não necessitamos da ardência devoradora das queimadas, faz-se, contudo, mister a derrubada dos preconceitos. O feminismo ainda representa para muitos uma anormalidade, uma doutrina que prega o antagonismo dos sexos, e um nivelamento, uma espécie de masculinização que representa a perda de toda a graça e feminilidade da mulher.

Nada mais falso. Pelo menos concordareis, inicialmente que, apesar de ter atingido os mais altos postos no Feminismo Nacional, que não me parece com este retrato pessimista e não renunciei aos mesmos requisitos femininos. Quanto ao mais, a boa e sã doutrina feminista não pode nem quer considerar o homem como inimigo e adversário e sim como colaborador. Em alguns casos é o homem que se recusa á „intente cordiale” que terá que finalmente prevalecer. O feminismo não é uma anomalia, uma extravagância contemporânea, um fruto adventício da época todado a desaparecer. É antes uma consequência moral da macha das civilizações.⁶⁴

Para Maria Sabina, o feminismo coloca a questão da defesa do trabalho feminino como primordial. As mulheres deveriam lutar por este direito e caberia aos homens refletir sobre os impedimentos impostos por ele. Para a escritora, não havia motivo para tanto “alarde” masculino. No artigo, a escritora observa que o trabalho sempre foi algo intrínseco à natureza feminina, pois a mulher sempre colaborou com a manutenção do lar e da família desde os mais remotos tempos primitivos, tendo diversas atividades dentro e fora do lar sob sua responsabilidade.

No entanto, dois marcos históricos assinalaram uma nova condição profissional feminina na medida em que ampliou consideravelmente a inserção da mulher no mercado de trabalho: a industrialização a partir de meados do século XVIII e a Primeira Guerra Mundial em 1914. Esta última, segundo Sabina, “agravou de tal forma a situação econômica do mundo que houve necessidade de uma readaptação geral começando pela criação de uma nova mentalidade”, talvez por isso mesmo, “nos grandes centros

⁶⁴ A revista *Cabocla*. Manaus, 1936.

civilizados a idéia do trabalho feminino já era um fato aceito que não promovia mais comentários”. Era imprescindível para ela salientar que

A mulher não foi para a fábrica tirar o lugar de trabalho do homem, como se ouve muitas vezes de lábios masculinos e sim seguio do lar para a fábrica o trabalho que era seu, que lhe fora atribuído [?] das condições sociais de outrora e que lhe foi arrebatado (...)

A época das mulheres parasitas vivendo 7 ou 8 miseravelmente do trabalho de um único homem já passou. Estamos a caminho rápido da emancipação econômica feminina. Na guerra de 1914 a mulher provou durante 4 anos que tudo podia fazer e tudo fará d"oravante.

No Brasil o trabalho feminino tem grandes adeptos que compreendem o seu alcance social e grandes dectratores que, fato interessante, não concordando com o trabalho remunerado da mulher, só admitem que ela trabalhe, muitas vezes, como uma mera serviçal, contanto que seja entre quatro paredes de um lar onde o mundo não a possa ver. Grandes egoístas e hipócritas! ⁶⁵

E aos que acreditavam que o feminismo não tinha outra função senão subverter os papéis sociais femininos, imprescindível para a emancipação, a escritora pondera afirmando que

o feminismo que aprova a emancipação econômica da mulher pelo trabalho, não quer por isto arrancá-la de um lar onde sua presença é necessária. O primeiro dever da mulher é o seu dever de mãe e só é cabível que ela o deserte algumas horas quando a sua presença é necessária em casa, quando as circunstâncias a isto a obriguem. ⁶⁶

Ou seja, percebe-se nesta fala que em nenhum momento os ideais feministas de emancipação econômica propagados pela *Federação Brasileira para o Progresso Feminino* (e também pela Federação Amazonense), da qual Maria Sabina é legítima representante, visavam a abnegação dos deveres femininos de mãe e esposa cobrados e fiscalizados pela sociedade. Muito pelo contrário, queriam mostrar que era possível haver conciliação entre os papéis. Até por que a maioria daquelas que militavam no movimento feminista eram também esposas, mães e donas de casa.

Esse tipo de escrita mais politizada da década de 1930 fazia parte de um novo momento sociocultural, político e econômico do qual as mulheres estavam vivendo no Brasil. O Brasil, que sofreu uma crescente urbanização e uma intensa industrialização viu

⁶⁵ A revista *Cabocla*. Manaus, Fevereiro, 1936.

⁶⁶ Idem

neste período o movimento feminista ganhar força na luta pelos direitos femininos principalmente em relação ao voto. Sobre este novo cenário, que ampliou a visão feminina para além das fronteiras domésticas, Jane Almeida escreve o seguinte:

Do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, pelo processo de urbanização e industrialização, pelas duas guerras mundiais e seus efeitos na mentalidade da sociedade da época, pelas conquistas tecnológicas representadas pela difusão dos meios de comunicação, coincidiram com a eclosão das primeiras reivindicações do feminismo que, nos países onde chegou, atingiu várias gerações de mulheres, ao alertar para a opressão e para a desigualdade social a que estiveram até então submetidas. Com o movimento feminista e na esteira das reivindicações pelo voto, o que lhes possibilitava maior atuação política e social, a domesticidade foi invadida e as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, de educação e profissionalização. (ALMEIDA, 1998, p. 27)

Portanto, as mudanças que marcaram o comportamento feminino, ocorrido ao longo das três primeiras décadas do século passado sinalizaram o estabelecimento de uma nova ordem na história das relações entre homens e mulheres contemporâneos, o que com toda certeza incomodou profundamente os setores mais conservadores da sociedade, causando reações de represália e coerção aqueles que insistam em forçar uma mudança na estrutura do patriarcado.⁶⁷

Diante de tais mudanças, parte da imprensa da época serviu de ferramenta de denúncia, luta e propagação dos ideais feministas, outra parte, conservadora, lutava para não ver, segundo os seus olhos, esses ideais se tornarem realidade.

Gostaria ainda de salientar que aliada a essas experiências mapeadas pela pesquisa é importante acrescentar que é muito provável que outras mulheres também tenham contribuído nos jornais e revistas de Manaus no período estudado, mas localizá-las plenamente é um desafio ainda a ser superado. O receio de se expor nas páginas da imprensa associado ao preconceito da qual eram vítimas faziam com que muitas mulheres assumissem o anonimato, usassem codinomes ou o pior limitassem as suas produções. Mesmo assim, foi de fundamental importância para as conquistas femininas a

⁶⁷ SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. *Os manuais de Conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que desvelam as narrativas?* Disponível em: www.anped.com.br. Acesso em 27 de julho de 2010.

participação destas mulheres na imprensa do período e no mundo das letras de modo geral, pois, como lembrou Pinheiro (2001, p.249) “os avanços atuais foram construídos lentamente nos rastros das centelhas lançadas por essas pioneiras”.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação: A paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998.

BUITONI, Dulcília Schoeder. *Mulher de Papel*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
_____. *Imprensa Feminina*. São Paulo, Ática, 1990.

CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: As revistas de Variedades de Manaus (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.

HAHNER, June E. *A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas*.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Periodismo e Letramento no Amazonas (1880-1920)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2001.

SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. *Os manuais de Conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que desvelam as narrativas?* Disponível em: www.anped.com.br. Acesso em 27 de julho de 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In: PRIORI, Mary Del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto 2002.